



“TU AS ESCREVERÁS NOS UMBRAIS DA TUA CASA, E NOS TEUS PORTÕES” (DT 6,9): INTERPRETAÇÃO DA MEZUZÁ AO LONGO DA HISTÓRIA

"WRITE THEM ON THE DOORPOSTS OF YOUR HOUSE, AND ON YOUR GATES" (DEUT 6,9): INTERPRETATION OF THE MEZUZAH THROUGHOUT HISTORY

*Prof. Dr. Valmor da Silva**

*Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva***

*MSc. Maria Ciurinha Pereira dos Santos****

RESUMO

O artigo apresenta as transformações da palavra hebraica *mezuzá*, ao longo da história. Em seu contexto original, o termo se refere aos umbrais da porta de casa, que pode compreender a trave superior, ou os dois postes que ladeiam a porta. O texto bíblico ordena escrever as palavras de Deus nas *mezuzot*, isto é, nos batentes da porta de casa, além de mandar escrever nos portões das cidades (Dt 6,9). A ordem soa, no contexto, como uma metáfora da escuta atenta da palavra, para internalizar o mandamento divino e para mantê-lo sempre à vista (Dt 6,4-9). Seguindo uma prática comum no antigo Oriente Próximo, passou-se a executar essa ordem literalmente, gravando as palavras na pedra ou na madeira dos umbrais das portas. Com o passar do tempo, provavelmente no período da perseguição selêucida, as

* Doutor em Ciências da Religião (Bíblia). Mestre em Teologia Bíblica e em Exegese Bíblica. Pós-Doutor em Teologia (Bíblia). Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. E-mail: lesil@terra.com.br.

** Doutora e Mestra em Ciências da Religião (PUC Goiás). Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Goiás). Editora-Chefe da Revista *Fragmentos de Cultura*. E-mail: rosemarynf@gmail.com.

*** Mestre em Serviço Social pela PUC Goiás. Assistente Social e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. Email: ciurinha@yahoo.com.br.



palavras passaram a ser escritas em pergaminhos, enrolados em pequenas caixas tubulares e afixados à ombreira da porta, de maneira semelhante ao que aconteceu com os *tefillin*. A palavra *mezuzá* passou a designar, então, o cilindro que contém os rolos de pergaminho com escritas bíblicas e com o nome divino *Shadday*. Com isso, a *mezuzá* tornou-se um símbolo religioso e objeto de devoção, com adição de significados que essa realidade representa.

Palavras-chave: Mezuzá; Shemá; Deuteronômio 6,4-9; Porta.

ABSTRACT

The article presents the transformations of the Hebrew word mezuzah, throughout history. In its original context, the term refers to the doorposts of the house, which may include the upper beam, or the two posts that flank the door. The biblical text commands that the words of God be written on the *mezuzot*, that is, on the doorposts of the house, in addition to having them written on the gates of cities (Deut 6.9). The order sounds, in the context, like a metaphor for listening attentively to the word, to internalize the divine command and to keep it always in sight (Deut 6.4-9). Following a common practice in the ancient Near East, this order was carried out literally, carving the words into the stone or wood of the doorposts. In the course of time, probably in the period of the Seleucid persecution, the words were written on parchments, rolled up in small tubular boxes and affixed to the doorjamb, similar to what happened with the *tefillin*. The word *mezuzah* came to designate, then, the cylinder that contains the scrolls of parchment with biblical writings and with the divine name *Shadday*. With this, the *mezuzah* became a religious symbol and object of devotion, with the addition of meanings that this reality represents.

Keywords: Mezuzah; Shemah; Deuteronomy 6.4-9; Door.

1 INTRODUÇÃO

O texto bíblico conhecido como *Shemá Israel*, ou escuta Israel (Dt 6,4-9) possui um significado único na Bíblia Hebraica, bem como em toda a tradição judaica e, por conseguinte, na teologia cristã. Por se tratar da confissão de fé fundamental e pela sua importância teológica, o texto teve diversos desdobramentos ao longo da história. O seu uso vai do estudo teórico à aplicação prática, passando pela meditação privada e pela celebração litúrgica comunitária, sem esquecer aspectos pedagógicos, eclesiais e políticos¹.

¹ O texto tem sido objeto de atenção nas pesquisas recentes, no Brasil. Budallés Diez (1999) destaca a profissão de fé do *Shemá*, como uma mística que apela para uma nova vida. Frizzo (2001) igualmente analisa todo o texto (Dt 6,4-9), como chamado à aliança e ao compromisso inerente.

A atenção dos estudos se volta, preferencialmente, sobre a profissão de fé inicial, que afirma a unicidade de YHWH “nosso Deus” (v. 4). Desdobra-se para internalizar o primeiro mandamento, com todo o coração, com toda a alma e com toda a força (v. 5.6). Menos atenção tem sido dada às quatro recomendações relativas às palavras da Torá: 1) ensinar às crianças (v. 7a); 2) falar dia e noite (v. 7b); 3) atar na mão e na testa (v. 8); 4) escrever nos batentes das portas das casas e nos portões das cidades (v. 9) (DERBY, 1999, p. 40).

As quatro recomendações possuem base concreta em experiências da vida, mas, em sentido metafórico, referem-se à necessidade de ensinar a Torá aos jovens sempre, e a mantê-las presentes em todas as circunstâncias da vida. A ordem de ensinar (v. 7) tem como referência dois pares de ações, em contraste, sentado em casa ou andando pelo caminho e deitado ou de pé, como síntese da totalidade, isto é, ensinar em todos os lugares e em todos os tempos. Nos dois versículos finais, as metáforas são mais concretas, com três recomendações: “Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos, tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas” (Dt 6,8-9; paralelo em Dt 11,18.20)².

Essas últimas recomendações, para seguir a palavra de Deus e ser fiel aos seus mandamentos, tiveram interpretação literal, na tradição judaica, tornando-se prática exemplar para a aplicação de um texto bíblico ao dia a dia da vida pessoal. “Atar à mão” e “manter como frontal entre os olhos” concretizaram-se nas formas de *tefillin*. “Escrever nos umbrais da casa” transformou-se em *mezuzot*. “Escrever nos portões das cidades”, menos comum, foi a prática de gravar em estelas de pedra ou afixar em postes de madeira. *Tefilin*, talvez da palavra *tefillah* (oração), em grego *filactérios* (proteção), são caixinhas contendo textos bíblicos da Torá (Dt 6,4-9; 11,13-21), escritos em rolos de pergaminho, atados a franjas (*zizit*), amarradas ao braço e à cabeça. *Mezuzot* (originalmente batentes da porta) são caixinhas cilíndricas com escritas semelhantes às anteriores, afixadas à ombreira direita do interior das portas das casas (AUSUBEL, 1989, p. 558-559; VAN DEN BORN, 1971, col. 576; 987-988).

Souza (2013) aplica o texto à educação familiar cristã. Ceolin (2006) associa a profissão ouvir e amar a Javé com a cultura da paz. Fábris (2014) relaciona toda a perícopes com o conceito “coração”. Perondi (2019) explica o conceito “estas palavras” no Deuteronômio, e sua relação com o *Shemá*. Pinto (2019) discute a profissão de fé inicial, como devoção monolátrica YHWH.

² As citações bíblicas seguem, normalmente, a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2012).

O presente artigo se concentra sobre a última recomendação, a de escrever sobre os batentes das portas das casas, para demonstrar a evolução dessa prática, em distintas compreensões. Particularmente, se estuda a palavra *mezuzá*, cujo sentido original (batente da porta) passou a significar objeto religioso de devoção. A intenção, portanto, é demonstrar alguns passos da evolução do conceito da *mezuzá* ao longo da história.

2 EXPLICAÇÃO DO TEXTO DE DEUTERONÔMIO 6,9

Começamos pela compreensão do versículo bíblico em si (Dt 6,9), numa explicação dicionarística, para decifrar o que está escrito e interpretar o seu significado, seja literal, seja metafórico. Para tanto, transcrevemos o texto hebraico (*BibleWorks*), seguido de sua transliteração. Logo, segue a tradução em português, com a explicação dos termos e comentários sobre algumas das traduções correntes.

וְכָתַבְתֶּם עַל־מְזוּזוֹת בְּיַתְדֵי וּבִשְׁעָרֵי:

Wuk^etab^etam 'al-me^ezuzot beyteka wubiš^e'areika³

E as escreverás sobre os umbrais de tua casa e nos teus portões.

“E⁴ as escreverás”⁵ (*wuk^etab^etam*) do verbo escrever (*ktb*), possui vários significados, de acordo com o material, a modalidade, o valor ou a função dessa escrita. Pode significar escrever, inscrever, gravar, redigir, desenhar... “Escrever sobre”, como é o caso aqui, significa gravar ou inscrever em algum material (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 328). “Escrever” parece, aqui, uma referência a gravar ou esculpir em pedra (Js 8,32) ou em madeira (Is 8,1). A ordem para escrever “estas palavras” (v. 6), não permite compreender claramente se o que deve ser escrito se refere a “estas palavras” do *Shemá* (Dt 6,4-9), a “estas palavras” dos mandamentos, do capítulo anterior, ou a

³ A versão grega dos LXX e alguns códices traduzem em plural “teus portões” (*Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, 1967). Explicação detalhada da crítica textual do versículo é feita por Fábris (2014, p. 96).

⁴ As traduções em geral acrescentam “tu”, que está suposto na flexão do verbo em segunda pessoa masculino singular, bem como em todo o *Shemá*, dirigido a um “tu” (Dt 6,4-9). “Dezoito vezes, o texto emprega o pronome pessoal na segunda pessoa, contrapondo-se a uma única vez ao utilizar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural, ao apresentar Deus como *Senhor nosso Deus* (v. 4)” (FRIZZO, 2001, p. 107).

⁵ “Tu as escreverás” é a tradução habitual. “Tu os inscreverás” é a opção da *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994).

“estas palavras” do discurso que segue (VON RAD, 1981, p. 72). “Escrever sobre”, deste versículo, se baseia numa ação literal, diferente de “estejam sobre o teu coração” (v. 6), ou “colocai-as sobre o vosso coração” (Dt 11,18) ou “ata-as sobre o teu coração” (Pr 6,21), ou “inscreve-as na tábua do coração” (Pr 3,3) (SILVA, 2012b, p. 93). No contexto literário, entretanto, as ordens de atar as palavras à mão, como um frontal entre os olhos e escrever sobre os umbrais (v. 8-9) possuem um sentido simbólico ou metafórico, assim como devem estar sobre o coração (v. 6). Contudo, a escrita sobre os umbrais das casas e nos portões das cidades deve ter um fundamento literal, em vista de sua compreensão histórica posterior (LEMAIRE, 2021, p. 525).

“Sobre os umbrais”⁶ (*‘al-m^ezuzot*) refere-se a umbral ou ombreira da porta (KIRST, 1989, p. 120). A tradução de Alonso Schökel (1997, p. 365), para o português, mantém a mesma palavra espanhola “jamba”⁷. Milgrom (2003, p. 225) assim descreve: “O termo *m^ezûzâ* significa o ‘batente da porta’ (Ex 21,6; Pr 8,34; Is 57,8; Ez 43,8), o ‘portal’ (de pedra, Jz 16,3; Ez 46,2) ou possivelmente a ‘moldura da porta’ (1Rs 6,31.33; Ez 41,21)”. Em sentido exato, “‘Batentes da porta’, no plural, poderia ser aplicado apenas aos dois postes que ladeiam a entrada da morada” (LANDSBERGER, 1960, p. 149). Douglas (2006, p. 216) detalha: “A porta da casa era pequena e girava em pinos fixados no batente e na ombreira da porta. Um limiar alto era útil para impedir que a água das chuvas, nas tempestades de inverno, entrasse na casa”. De acordo com Mckenzie (1983, p. 154) “Havia somente uma pequena porta para fora, que abria para o pátio”. As referências bíblicas permitem concluir que os umbrais das casas eram de madeira ou de pedra.

“De tua casa”⁸ (*beyteka*) significa casa, morada, habitação, domicílio, mas cobre uma gama muito ampla de significados, segundo os seus habitantes (de palácio a estábulo), segundo o material (tenda de couro, construção de madeira, de pedra ou de alvenaria), segundo o contexto histórico (de caverna a edifício), segundo o contexto

⁶ “Sobre os umbrais” no sentido de em cima, como pede a preposição hebraica sobre (*‘al*), é traduzido como “sobre as ombreiras da porta” (*Bíblia Tradução Ecumênica*, 1994), o que nos parece exatamente o sentido original. A maioria das Bíblias traduz “nos umbrais” (*Bíblia de Jerusalém*, 2012; *Bíblia Sagrada Almeida*, 1993; *Bíblia do Peregrino*, 2002); ou “nas entradas” (*Bíblia Sagrada CNBB*, 2006; *Bíblia Sagrada Vozes*, 2001).

⁷ Jamba, em português designa: “Cada uma das duas partes iguais de que se compõe uma porta ou uma janela, quando aparelhadas em colunas” (FERREIRA, 1975, p. 795). Denomina-se em inglês *Doorpost*, em italiano *stipite*, em francês *montant*, e em alemão *Pfosten*.

⁸ “Casa” não possui variação nas traduções das Bíblias para o português.

social (família, corte, bens), segundo a designação étnica (grupo humano, tribo ou nação) (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 101-103). Mckenzie (1983, p. 154) descreve a casa como abrigo para várias famílias, junto a um pátio, num conjunto de aldeias ou cidades. Aqui a casa se refere ao âmbito privado e familiar, em contraste com os portões da cidade, a seguir, que reportam ao espaço público e social.

“E nos teus portões”⁹ (*wubiš^e‘areika*) refere-se a porta, portal, portão, praça, tribunal (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 687). De acordo com Otto (2003), “Portão” (*šá‘ar*) não é usado para entrada de edifício doméstico, visto que porta de casa possui termos próprios *délet* (porta) ou *petah* (abertura). “Portão” pode ser entrada de templo, de palácio ou de assentamento urbano, e se refere, globalmente, a entrada de muro ou de cidade. “Em Dt 6,9 e 11,20 o portão da cidade é distinto da entrada a uma casa ordinária” (OTTO, 2003, p. 369).

Concluimos, com Tigay (1996, p. 79): “O texto implica que as palavras deveriam ser inscritas diretamente nas ombreiras e estruturas do portão”. Tal prática visava tornar públicas as palavras de Deus. A prática de escrevê-las em pergaminhos será bem posterior, como adiante se verá.

A ordem aqui analisada possui um paralelo idêntico (Dt 11,20). Trata-se de uma repetição ou citação literal. Entretanto, algumas diferenças marcam o contexto (Dt 11,18-21), com relação ao primeiro texto (Dt 4,6-9). A profissão de fé inicial, o *Shemá*, foi abolida, e o contexto anterior, da posse da terra como amor do Senhor foi ampliado para as bênçãos e maldições. Os versículos citados traduziram os verbos para o plural “vós”, exceto o nosso v. 9, que ficou em “tu”. Após a citação, é acrescentada a promessa da posse da terra (Dt 11,21) (BUISS, 1969, p. 188).

Algumas outras passagens bíblicas ilustram, ainda, o sentido do termo *mezuzá*, sobre o qual se concentra a atenção deste estudo. No contexto de crítica às práticas idolátricas, Isaías condena o monumento cúllico: “Atrás da porta (*délet*) e da ombreira (*m^ezuzah*) puseste o teu memorial (*zik^eron*)” (Is 57,8). Diante dos portões da cidade de Gaza: “Sansão... pegou nos batentes da porta da cidade (*dal^etôt šá‘ar-há‘ir*), bem

⁹ “Portões” parece a tradução mais adequada para a palavra hebraica porta da cidade (*šá‘ar*) diferente de porta da casa (*dalef*). Traduzem bem “portões da tua cidade” (*Bíblia Sagrada CNBB*, 2006; e *Bíblia Sagrada Vozes*, 2001). Mantém o mesmo sentido “em teus portais” (*Bíblia do Peregrino*, 2002).

como nos dois montantes (*m^ezuzôt*), e arrancou-os juntamente com a tranca (*b^eriyah*)” (Jz 16,3). Para a descrição da construção do templo, o texto explica: “Da mesma forma, para a porta do *Hekal*, fez vigas (*m^ezuzôt*) de madeira de oliveira selvagem” (1Rs 6,33). Novamente o umbral do templo é explicado: “Pondo o limiar (*sipam*) destes junto ao meu limiar e a ombreira (*m^ezuzah*) destes ao lado das minhas ombreiras e limitando-se a levantar um muro entre mim e eles” (Ez 43,8). Derby (1999, p. 42) anota que as diversas referências à ombreira se referem ao umbral do templo, exceto aquela que recomenda a marca da servidão perpétua, na orelha do escravo: “O seu senhor fá-lo-á aproximar-se de Deus, e o fará encostar-se à porta (*'el-hadélet*) ou à ombreira (*'el-ham^ezuzah*) e lhe furará a orelha com uma soveia” (Ex 21,6). O autor se pergunta se não haveria, aí, uma relação entre Israel servo e seu Deus que o libertou da escravidão, e responde positivamente.

3 ESCULPIR AS PALAVRAS NAS PORTAS E NOS PORTÕES

A ordem de escrever sobre os umbrais das portas das casas e nos portões das cidades, em Dt 6,9, possui, certamente, uma intenção metafórica. Quer ressaltar a importância de manter a palavra de Deus orientando a vida familiar e social. “No entanto, mesmo uma expressão simbólica deve ter um referente no mundo real” (LEMAIRE, 2021, p. 525). Com o autor, nos juntamos para investigar essa realidade, à luz da epigrafia, ou seja, decifrar o que dizem as inscrições antigas sobre essa prática.

Não há consenso sobre a origem da prática de escrever nas portas das casas e nos portões das cidades. Mas há documentação comprobatória, em diversas culturas do antigo Oriente Próximo, conforme alguns exemplos que passamos a explicar.

Símbolos religiosos e inscrições são identificados desde o período calcolítico, em entradas de casas, de templos e de túmulos. Esses símbolos, em sua origem, tinham função mágico-cúltica e, portando, exorcística, considerando a entrada o lugar mais vulnerável de um edifício. Tais evidências são encontradas na Mesopotâmia, no Egito e na Fenícia (MILGROM, 2003, p. 226).

Pintar as armações das tendas, com sangue de um animal novo, para buscar proteção contra influências demoníacas do deserto, é seguramente uma prática muito antiga.

Essa prática remonta aos tempos em que povos bíblicos e seus vizinhos moravam em tendas, como nômades e seminômades, antes de habitarem em casas, de maneira sedentária. O ritual apotropaico de marcar as tendas com sangue, para afastar o mal, era executado numa noite de lua cheia, durante a primavera, antes da partida para as pastagens de verão, com o objetivo de proteger as pessoas e os rebanhos das ameaças de seca, desastres e mortes. Uma reminiscência desse ritual estaria na descrição da Páscoa, na tradição Sacerdotal, em que se recomenda que cada família imole um cordeiro ao crepúsculo: “Tomarão do seu sangue e pô-lo-ão sobre os dois marcos e a travessa da porta, nas casas em que o comerem” (Ex 12,7). A explicação possui uma motivação religiosa, para evitar a presença do exterminador (*mašehit*, Ex 12,7.13), uma espécie de demônio ameaçador (SILVA, 2012a, p. 36-41)¹⁰. A *Bíblia de Jerusalém* (2012, nota “c” a Ex 12,23) assume essa interpretação: “No ritual pré-israelita da Páscoa, o Exterminador era o demônio que personificava os perigos ameaçadores do rebanho e da família; é para se proteger contra os seus ataques que se colocava o sangue sobre as portas das casas, primitivamente das tendas”.

Essa mancha de sangue nas casas poderia ser associada a antigas práticas do Egito. “Há abundante evidência arqueológica de casas no antigo Oriente Próximo, que exibiam variadas identificações sobre as ombreiras e/ou no dintel sobre a porta, símbolos do ofício do ocupante ou os nomes dos seus deuses” (DERBY, 1999, p. 41).

Gravada num portal, a recomendação “E as escreverás (palavras da lei) sobre os umbrais da tua casa e das tuas portas” (Dt 6,9), foi encontrada em Kuntillet ‘Ajrud, ao Sul de Judá, no deserto do Sinai, sobre a porta de entrada de uma ampla sala. O sítio foi datado da primeira metade do século VIII a.C., durante o reinado de Jeroboão II (788-747). A sala em cuja porta foi encontrada essa inscrição, de amplas dimensões, possui paredes de gesso decoradas com inscrições e desenhos que fazem supor um local de atividades religiosas (LEMAIRE, 2021, p. 528)¹¹.

¹⁰ As afirmações aqui sintetizadas possuem ampla documentação, no estudo do autor. O texto bíblico se refere a “casas” ao invés de tendas, e é ambientado no Egito, não propriamente no deserto. Trata-se de um texto de redação sacerdotal (Ex 12,1-14), pós exílica, “descrito a partir de Jerusalém” (ANDIÑACH, 2010, p. 155).

¹¹ Para informações sobre Kuntillet ‘Ajrud, veja Kaefer (2016, p. 75-80). O local era um oásis, centro de cobrança de impostos e de atividades religiosas, por isso, a vida aí girava em torno a água, tributo e bênção (p. 76).

Inscrições monumentais, em portões de cidades, possuem exemplificação na Samaria e em Dan, do mesmo período. “Inscrições nos portões ou nas paredes de gesso de uma casa para propaganda ou ensino é agora bem atestado no século VIII a.C. e se encaixa na tradição samaritana posterior” (LEMAIRE, 2021, p. 530).

Como o versículo bíblico de Dt 6,9 distingue “sobre os umbrais de tua casa e nos teus portões”, a segunda recomendação poderia se referir a inscrições gravadas em pedra, como na famosa estela que contém o código de Hamurabi. A argumentação se baseia no uso da preposição “nos” (*b^e*), com o significado de “em” ou “dentro”, referida aos portões como local de julgamento. A argumentação é de Derby (1999, p. 43), que conclui, a respeito da ordem da Torá em escrever, não sobre os portões: “Mas sim que sejam inscritos sobre uma estela na praça dentro do portão, para que os anciãos e o público possam ser lembrados das leis para orientá-los em suas deliberações”. Essa prática seria muito antiga, como comprova a destruição de tais estelas pelos babilônios e a sua persistência na prática dos samaritanos.

Na época da perseguição dos selêucidas sobre os judeus (séc. II a.C.), “era costume esculpir as palavras bíblicas na pedra real do dintel, ou seja, o batente da porta do lado direito da sua entrada da casa” (LURIA, 1976, p. 11). O autor cita documentos midráshicos e conclui que antes dessa época era costume esculpir palavras da Bíblia em pedra, à entrada das casas. Refere também que a perseguição dos selêucidas, ao destruir símbolos judaicos, arrancou pedras das portas em que estavam esculpidas palavras do *Shemá*.

Esculpidas em pedra, as palavras “Ouve, Israel” (Dt 6,4) foram identificadas em Palmira, um oásis do deserto da Síria. As palavras estão gravadas no dintel de um dos batentes da porta, juntamente com outras bênçãos do Deuteronômio, gravadas nos batentes da porta. Palmira havia sido um centro de comércio entre Oriente e Ocidente, mas foi destruída em 273 da era comum. A inscrição em pedra data provavelmente do século II d.C. (LURIA, 1976, p. 10-11).

Mas quando se passou a compreender que a ordem de gravar palavras da Bíblia nos portais foi interpretada como escrever em pergaminhos? Provavelmente foi fruto de um longo processo. “Em algum ponto durante o período do Segundo Templo, a lei judaica determinou que passagens seletas deviam ser escritas em pergaminho e

colocadas dentro de recipientes afixados nas ombreiras de uma casa” (TIGAY, 1996, p. 79).

4 ESCREVER AS PALAVRAS EM PERGAMINHOS E EM CAIXINHAS

A ordem de escrever nos umbrais da casa e nos portões fora interpretada como prática para gravar em madeira ou em pedra as palavras bíblicas. Mas, com o passar do tempo, provavelmente no período da perseguição selêucida, já nos séculos próximos à era comum, passou-se à prática de escrever os textos em pergaminhos, enrolados dentro de caixas tubulares, para afixá-los nas entradas, como símbolo de proteção. O termo *mezuzá*, que significava a ombreira da porta, ganhou um sentido totalmente novo, e passou a designar o objeto religioso (AUSUBEL, 1989). Lemaire (2021, p. 528-259) apresenta dois exemplos, possivelmente do século VI a.C., que demonstram a antiguidade dessa prática. O primeiro foi a inscrição “Senhor da casa”, em papiro ou couro, encontrada dentro de uma caixa de ouro, à entrada do palácio de Kilamuwa, na atual Turquia. O segundo é um amuleto fenício, em prata, dedicando a casa à deusa Astarte.

Diversas comprovações arqueológicas, entretanto, de *tefillin* e *mezuzot* escritos em pergaminho, provêm das grutas de Qumran e Murabba’at, junto ao mar Morto, no deserto da Judéia (FRANCISCO, 2017, p. 368-369). Foram encontradas 10 *mezuzot*, sendo 8 na Gruta 4 (4Q 149-155), uma na Gruta 8 (8Q4) e uma na gruta de Murabba’at (REED, 2009, p. 95). Essas *mezuzot* continham, além dos textos de Deuteronômio (Dt 6,4-9 e 11,13-21), também textos do Decálogo (Ex 20,1-14 e Dt 5,6-18). Essas evidências demonstram o uso corrente de *mezuzot* escritas em pergaminho, no período do Segundo Templo. Esse uso é testemunhado, ainda, pela *Carta de Aristeias* e pela obra *Antiguidades* de Josefo Flávio (SCHIFFMAN, 2000, p. 677). Igualmente, a crítica de Jesus ao uso de filactérios, pelos fariseus, em Mt 23,5, poderia aludir ao uso desses pergaminhos como distintivo de grupos religiosos específicos (REED, 2009, p. 97).

Essa mudança na forma da *mezuzá*, de gravação em pedra para inscrição em pergaminhos, foi prescrita no Talmud, numa espécie de apêndice pós-mishná, conhecido como “Os tratados menores”, dos primeiros séculos da era comum. Esses

tratados explicam o tipo de material para a escrita, o lugar da porta em que os recipientes com os rolos podiam ser fixados e os erros possíveis que tornam a mezuzá ritualmente imprópria. Essas prescrições, do início do século IV da era comum, detalham as práticas vigentes até os dias atuais (LURIA, 1976, p. 6-7).

Com as prescrições sobre o uso da mezuzá, assim como dos *tefillin* e *zizim*, os sábios quiseram, certamente, perpetuar a aliança entre Deus e Israel. Assim sendo, a mezuzá, afixada na entrada das casas, seria um memorial constante da aliança e do compromisso decorrente dessa relação entre Deus e o seu povo (DERBY, 1999, p. 41-42).

A metáfora da gravação da palavra de Deus, nos umbrais da porta de casa e nos portões da cidade, como importância para a vida da família e da sociedade, transformou a palavra “umbral” em objeto religioso, com toda a significação que ele carrega. A mezuzá torna-se símbolo de proteção divina, garantia da aliança, promessa de vida longa e saudável, defesa contra os males. Esse uso apotropaico, isto é, ritualístico de poder contra o mal, foi agregado ao símbolo da fidelidade a Deus, principalmente na alta Idade Média, pelos séculos VII ao XI da era comum, com características de amuleto (JANSSON, 1994).

Mas foi na baixa Idade Média, no ambiente místico do rabinismo asquenazita, que a mezuzá tendeu para o caráter mágico-teúrgico. Esse aspecto pode ser verificado no *Zohar*, obra de fins do século XIII e inícios do XIV, composta por círculos cabalísticos, em Castela, na Espanha. Os kabalistas inflamaram o debate sobre a mezuzá, ao acrescentarem às margens dos pergaminhos, nomes de anjos ou outros símbolos de proteção contra “malfeitores”. O *Zohar* acrescentou, assim, três tendências ao mandamento da mezuzá, uma tendência mágica, outra tendência didática e a tendência ritual (YISRAELI, 2015).

A polêmica contra o uso ritualístico, que inclui anjos na mezuzá, bem como contra o seu uso como amuleto, é conhecida pelas críticas feitas por Maimônides (1138-1204). Quanto à introdução de nomes de anjos ou de outros nomes divinos na mezuzá, “Maimônides proibiu essa prática, declarando que isso não só desqualificava a mezuzá, mas transformava o instrumento de unificação do nome divino em um mero charme em benefício pessoal” (TIGAY, 1996, p. 444).

Com efeito, a mezuzá simboliza a providência divina, cuja proteção provém do próprio Deus, como afirma o Salmo: “O Senhor é teu guarda, tua sombra. O Senhor guarda a tua partida e chegada” (Sl 121,5-8). Entretanto, alguns círculos místicos avançaram na interpretação de textos bíblicos como argumento em favor do uso protetivo dos objetos religiosos. Assim, a presença de anjos tem apoio de outro texto do livro dos Salmos: “Pois em teu favor ele ordenou aos seus anjos que te guardem em teus caminhos todos” (Sl 91,11). O argumento se assemelha ao poder do sangue do cordeiro pascal, nos umbrais das casas, no contexto da morte dos primogênitos: “O sangue, porém, será para vós um sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor, quando eu ferir a terra do Egito” (Ex 12,13). Ora, assim como o sangue serve de “sinal”, da mesma maneira são como “sinal” as palavras do mandamento a ser atadas nas mãos, entre os olhos, nos umbrais da casa e nos portões da cidade (Dt 6,8-9). O poder mágico da mezuzá não possui fundamento no texto bíblico, nem na tradição judaica. “Nunca a tradição clássica rabínica considera a inscrição da mezuzá em si mesma uma fonte de proteção” (GORDON, 1977, p. 23).

Entretanto, a prática devocional tende a transformá-la em amuleto de proteção. Apesar da clareza teológica, com relação ao seu significado, a mezuzá não está isenta de características devocionais populares, inerentes a todo símbolo religioso. Já no século XIX, mezuzá adquire características de obra de arte, com decorações criativas, principalmente na Europa. Assim foi o caso da adição de um furo com uma espécie de portinhola que pode ser fechada ou aberta, para esconder ou mostrar o nome divino Shadday. Outros embelezamentos adotam o uso de ouro e prata, assim como nos filactérios, e na própria Torá. Outros adornos, ainda, são acrescentados ao recipiente, ou seja, à caixinha ou cilindro que contém os rolos de pergaminho com a escrita bíblica, com manifestações artísticas (LANDSBERGER, 1960).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico demonstra, mesmo em rápidas pinceladas, como o sentido de uma palavra pode se transformar tão radicalmente. Mas demonstra igualmente, em força do seu poder simbólico, a transformação de vidas e de grupos religiosos, pelo poder de Deus que essa palavra ou objeto representa. Enquanto o texto bíblico

ordena, originalmente, escrever na mezuzá das portas, a própria mezuzá se apresenta, hoje, como o símbolo que se afixa na parte interna da ombreira direita das portas das casas ou dos quartos. Pelo que esses recipientes contêm, pequenos rolos de pergaminho com textos de Dt 6,4-9 e 11,13-21, e pelo nome divino Shadday, escrito no verso dos pergaminhos e visível por uma portinhola do recipiente, eles passam a ser objetos de devoção. Para lembrar a fidelidade à aliança e para pedir proteção na entrada e na saída de casa, pode-se tocar a mezuzá com os dedos, para beijá-los em seguida.

O mandamento bíblico para escrever nos umbrais das portas das casas, literariamente, é uma metáfora para simbolizar a importância de manter os olhos fixos na palavra de Deus, assim como em outras passagens se ordena escrever sobre as tábuas do coração, para interiorizá-las na memória. A fé, porém, estreitou o laço da aliança de tal forma que a ordem foi interpretada literalmente e, como tal, foi legislada pelos sábios judeus que redigiram o Talmud. E assim, talvez na impossibilidade de manter as palavras gravadas nos portais, passou-se a escrevê-las em pergaminhos, enrolados dentro de caixas tubulares, a serem afixadas sobre as portas.

As mudanças sofridas não deturparam o sentido original do mandamento. Ampliaram-no e aprofundaram a sua compreensão, mantendo viva uma prática milenar, em sinal de fidelidade à aliança promulgada pelo próprio Deus.

REFERÊNCIAS

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

ANDIÑACH, Pablo R. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

AUSUBEL, Nathan. Mezuzah. In: *Conhecimento judaico*. II. Rio de Janeiro: Koogan Editor, 1989. p. 558-559.

BibleWorks 10: Software for Biblical Exegesis and Research. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2016.

Bíblia de Jerusalém. GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora Anderson (Coords.). São Paulo: Paulus, 2012.

Bíblia do Peregrino. ALONSO SCHÖKEL, Luís (Ed.). São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS). KITTEL, Rudolf (Ed.). Editio quarta emendata opera H. P. Rüger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.

Bíblia Sagrada Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bíblia Sagrada CNBB. KONINGS, Johan (Coord.). Brasília: CNBB, 2006.

Bíblia Sagrada Vozes. GARMUS, Ludovico (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2001.

Bíblia Tradução Ecumênica (TEB). KONINGS, Johan (Supervisão). São Paulo: Loyola, 1994.

BUDALLÉS DIEZ, Mercedes de. A ternura e exigência do Shemá. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 63, p. 58-62, 1999.

BUIS, Pierre. *Le Deutéronome*. Paris: Beauchesne, 1969.

CEOLIN, Nelvi Jorge. *Ouvir e amar a Javé: Dt 6,4-9: um caminho para a cultura de paz*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC RS, 2006. Disponível em: [Ouvir e amar a Javé: Dt 6, 4-9: um caminho para a cultura de paz](#) Consulta em: 08/01/2022.

DERBY, Josiah. '... Upon the Doorposts...'. *Jewish Bible Quarterly*, v. 27, n. 1, p. 40-44, Jan-Mar 1999.

DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

FÁBRIS, Rogério de. *Antropologia semítica: uma análise exegética da perícopre de Dt. 6,1-9, com aproximação do vocábulo lev*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UESP, 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/296> Consulta em: 17/01/2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1975.

FRANCISCO, Edson de Faria. Manuscritos do deserto da Judeia: introdução geral. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 34, n. 136, p. 361-381, out/dez 2017. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/84/86> Consulta em: 15/01/2022.

FRIZZO, Antônio Carlos. O Shemá Israel, em Dt 6,4-9: o mandamento de Deus contra a idolatria. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 9, n. 34, p. 99-108, 2001.

GORDON, Martin L. *Mezuzah: Protective Amulet or Religious Symbol?* *Tradition*, v. 16, n. 4, p. 7-40, Sum 1977.

JANSSON, Eva-Maria. The Magic of the Mezuzah in Rabbinic Literature. *Nordisk Judaistik*, v. 15, n. 1-2, p. 51-66, 1994.

KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus, 2016.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.

LANDSBERGER, Franz. The Origin of the Decorated Mezuzah. *Hebrew Union College Annual*, v. 31, p. 149-166, 1960.

LEMAIRE, André. Deuteronomy 6:6,9 in the Light of Northwest Semitic Inscriptions. In: COHEN, Chaim et al. (Eds.). *Birkat Shalom: Studies in the Bible, Ancient Near Eastern Literature, and Postbiblical Judaism Presented to Shalom M. Paul on the Occasion of His Seventieth Birthday*. University Park: Penn State University Press, 2021. p. 525-530.

LURIA, Ben Zion. The Development of the Mezuzah. *Dor le Dor*, v. 5, n. 1, p. 6-15, 1976.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MILGROM, J. *m^ezûzâ*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Orgs.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. VIII. Cambridge: Eerdmans, 2003. p. 225-227.

OTTO, E. *ša'ar*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Orgs.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. XV. Cambridge: Eerdmans, 2003. p. 359-405.

PERONDI, Ildo. Estas palavras e o Shemá. *Pistis & Praxis*, v. 11, n. 2, p. 311-326, 2019.

https://www.researchgate.net/publication/335585317_Estas_palavras_e_o_Shema
Consulta em: 09/01/2022.

PINTO, L. P. da S. O Shemá e a devoção a uma só divindade. *Horizonte*, v. 17, n. 52, p. 20-42, abr 2019. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2019v17n52p20/14770> Consulta em: 14/01/2022.

REED, Stephen. Physical Features of Excerpted Torah Texts. In: EVANS, Craig A.; ZACHARIAS, H. Daniel (Eds.). *Jewish and Christian Scripture as Artifact and Canon*. London: T & T Clark, 2009. p. 82-104.

SCHIFFMAN, Lawrence H. Phylacteries and Mezuzot. In: SCHIFFMAN, Lawrence H.; VANDERKAM, James C. (Eds.). *Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 675-677.

SILVA, Ruben Marcelino Bento da. *Assombrações na Bíblia Judaica: estudo classificatório sobre tradições folclóricas de demônios e fantasmas difundidas no Antigo Israel e subjacentes aos textos hebraicos canônicos*. Dissertação: Mestrado em Teologia. São Leopoldo: EST, 2012a. Disponível em:

<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/284> Consulta em: 06/01/2022.

SILVA, Valmor da. Meu filho, minha instrução não esqueças – Leitura de Pr 3,1-12. In: GASDA, Élio Estanislau (org.). *Sobre a Palavra de Deus: Hermenêutica bíblica e Teologia Fundamental*. Petrópolis; Goiânia: Vozes; PUC Goiás, 2012b. p. 89-102.

SOUZA, Renan Daniel de. O ensino da Bíblia e a educação cristã: reflexão teológica em Deuterônomo 6:4-9. *Hermenêutica*, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2013. Disponível em: <https://seer-adventista.com.br/ojs3/index.php/hermeneutica/article/view/418> Consulta em: 15/01/2022.

TIGAY, Jeffrey H. *Deuteronomy*. Philadelphia; Jerusalem: The Jewish Publication Society, 1996. (The JPS Torah Commentary).

VAN DEN BORN, A. (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971. col. 576 (filactérias); col. 987-988 (mezuzá).

VON RAD, Gerhard. *Deuteronomio*. Traduzione italiana di Antonio Dal Bianco. Brescia: Paideia, 1981.

YISRAELI, Oded. The Mezuzah as an Amulet: Directions and Trends in the Zohar. *Jewish Studies Quarterly*, v. 22, n. 2, p. 137-161, Jun 2015.